

# Estacionamentos dão sustento a muitos

DOBREIRO BRAZILIENSE

Sair de Santo Antonio do Descoberto todos os dias e se dirigir até o estacionamento em frente ao Conjunto Nacional, já virou uma rotina para o mecânico Marco Antonio Oliveira, de 23 anos. É ali que há três anos ele ganha a vida fazendo pequenos reparos nos veículos, como troca de pneus, lubrificação de motor e outros serviços que dispensam oficina autorizada. O trabalho, atualmente, rende em média de Cz\$ 300 a Cz\$ 400 por dia, mas já houve época em que a profissão escolhida por ele desde quando tinha oito anos de idade dava mais lucro.

“Está cada vez pior, talvez por causa da situação do País”, afirma Marco Antonio, que durante muito tempo trabalhou no estacionamento entre a 506 e 507 Sul, onde agora existe o Supermercado Panelão. Em seu novo local de trabalho, o mecânico enfrenta a concorrência de sete colegas, entre os quais José Eduardo da Silva, de 20 anos.

Para fazer uma lubrificação geral no carro, José Eduardo cobra Cz\$ 1 mil e 600 e as trocas de pneus são pagas com gorjetas. Ele garante que apesar da renda de Cz\$ 500 por dia não ser a ideal, é bem melhor do que trabalhar em oficina. Há três anos no local, o mecânico diz que aos poucos foi conhecendo os fregueses, que, sempre que precisam de um reparo, acabam procurando seus serviços: “e ninguém reclama”.

## DEMARCAÇÃO

Fica fácil para qualquer motorista reconhecê-los. Tal como os profissionais das oficinas, eles também usam macacões, estão sempre sujos de graxa e procuram evitar que novos mecânicos se instalem no local a fim de evitar uma maior concorrência.

É assim que agem também os lavadores e vigias de carro que, por precaução, demarcaram o local, onde fica terminantemente

proibida a chegada de novos concorrentes. Manoel Telles da Silva, de 59 anos, vigia carros desde 1964 e garante que até hoje só permitiu a chegada de mais três guardadores de veículos. Todos os dias ele sai do Pedregal, onde mora, e se dirige para o estacionamento em frente ao CNB, onde fatura, em média, de Cz\$ 400 a Cz\$ 500, “dependendo da boa vontade dos fregueses”.

Essa foi a única maneira que encontrou para sobreviver, já que é deficiente físico há quase 30 anos e, por isso, não consegue arrumar emprego. Apesar da paralisia que o obriga a andar de muletas, o vigia afirma que jamais um carro sob os seus cuidados foi assaltado.

É devido a esse problema que “seu” Manoel também não lava carros. Deixa o serviço para os três lavadores que diariamente trabalham no local, dividindo o espaço do estacionamento com o vendedor de tranças de veículos, Rildo Silva, de 21 anos. Ele mora em Sobradinho e está sempre equipado com tranças e quebra-ventos para proteger os carros.

Além de vender as tranças no estacionamento em frente ao Conjunto Nacional, Rildo comercializa o produto também no Gilberto Salomão e Venâncio 3000. Em todos os pontos, a trança é vendida a Cz\$ 2 mil 300; e o par de quebra-vento custa Cz\$ 750, o que lhe rende, em média, Cz\$ 8 mil por dia.

## EM FAMÍLIA

No estacionamento em frente ao Conjunto Baracat, a família de Maria da Conceição Nascimento trabalha unida há 10 anos. “Eu mesma só venho aqui três vezes por semana, pois nos outros dias faço faxina em residências”, afirma, acrescentando que consegue faturar por dia Cz\$ 600 lavando e vigiando carros. O marido, João NasCIMEN-

to, e os três filhos trabalham no estacionamento diariamente e é com o dinheiro que ganham ali que sustentam a casa: “para mim, tanto faz ficar aqui ou em casas de família”, diz Maria.

Marli de Melo — a “velha do chapéu”, como é mais conhecida pelos fregueses — lava e guarda carros na área em frente ao Jumbo do Conjunto Nacional. Ela divide o espaço com mais dois vigias e garante que há oito anos ninguém mais apareceu ali para concorrer com eles.

A guardadora de veículos diz que a maioria dos motoristas a conhece e algumas crianças até a tratam carinhosamente de “vó”. “Durante todo o tempo que estou aqui, apenas um carro foi roubado, mas não estava sob os meus cuidados”, afirma, acrescentando que até já impediu que um veículo fosse levado. “Gritel com o ladrão que estava tentando abrir um carro”.

Os proprietários diariamente estacionam carros nesses locais e não reclamam. “Apesar dos vigias afirmarem que vão cuidar, a gente sabe que isso não acontece, mas não custa nada dar um trocado para eles”, diz Paulo Sérgio, que sempre faz compras no CNB.

O serviço dos mecânicos também é válido, afirma a motorista Maria Tereza Santos. “Por duas vezes, o pneu do meu carro furou e eles trocaram para mim”, diz ela. “É sempre bom encontrar uns lavadores de carro nos estacionamentos”, garante Pedro Afonso, que trabalha no Conjunto Nacional. “O serviço deles é bem mais em conta do que o oferecido pelos postos de gasolina; e são pessoas que precisam sobreviver”. Para ele, não há problema algum em dar um trocado para quem diz que vai vigiar um carro, “mesmo quando o cara corre assim que aparece um ladrão”.



Oto Nascimento: família monopoliza área



“Maria do Chapéu”: figura típica do CNB